

IV enanparq

Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
Porto Alegre, 25 a 29 de Julho de 2016.

LUCIO COSTA ANTICLÁSSICO

SESSÃO TEMÁTICA: O RACIONALISMO ESTRUTURAL E AS FONTES DA
ARQUITETURA MODERNA BRASILEIRA: TEORIA, HISTÓRIA E IMAGINÁRIO

Diego Henrique de Oliveira Soares
PROPAR-UFRGS
soares.dho@gmail.com

LUCIO COSTA ANTICLÁSSICO

RESUMO

Lucio Costa relacionava a modernidade brasileira com tradição acadêmica - não desejava a ruptura, como alguns por um olhar viciado ou por leituras rasas argumentam - sua defesa promove o conceito de transformação evolutiva em que o moderno manteria vínculos firmes com as raízes, inspiração também do século XIX, em outras palavras, o pensamento/teoria de Lucio Costa parece conotar princípios do Racionalismo Estrutural, e será essa a nossa investigação, no entanto, atacaremos mais precisamente confrontando reflexões de Eugène Emmanuel Viollet-le-Duc com Lucio Costa. Abordaremos essas similitudes em três etapas: **Etapa I: Similitudes gerais entre escritos de Viollet-le-Duc e edificações da Arquitetura Moderna Brasileira**, essa discussão aponta algumas analogias conceituais/práticas entre os arquitetos em pauta, contudo essas regras aqui não são exclusivas do Racionalismo Estrutural como aspiração, mas ajudam conformar um quadro geral das semelhanças; **Etapa II: Similitudes gerais entre escritos de Viollet-le-Duc e a teoria de Lucio Costa**, ideias de Viollet-le-Duc podem ser reencontradas com alterações na teoria de Lucio Costa, apontaremos a mais forte entre elas: o conceito de “plástico-ideal, orgânico-funcional” estrutural da teoria exposta por Lucio Costa essa reedição da forma como as idéias são articuladas deriva da sétima entrevista do Livro de Viollet-le-Duc; **Etapa III: Similitudes entre escritos de Viollet-le-Duc e a teoria de Lucio Costa do ponto de vista do Racionalismo Estrutural**, diferentemente da etapa anterior às análises aqui terão uma abordagem exclusiva do Racionalismo Estrutural. Com isso “Lucio Costa anticlássico” pretende demonstrar que o arquiteto foi leitor de Viollet-le-Duc além de ter apropriado da teoria no aspecto anticlássico, entretanto há diferenças entre eles do ponto de vista da concepção no racionalismo estrutural, há outras influências, Lucio Costa bebe por exemplo na fonte de August Choisy, em síntese Viollet-le-Duc é uma grande nascente mas não a única, nosso trabalho apenas começa.

Palavras-chave: Lucio Costa. Arquitetura Moderna Brasileira. Racionalismo Estrutural.

ANTI-CLASSIC LUCIO COSTA

ABSTRACT

Lucio Costa related the Brazilian modernity with the academics tradition – did not wish the rupture like some, even by a malice look or shallow readings – his defense promotes the concept of evolutionary transformation in which the modern tradition keeps strong bonding with the principles, also an inspiration from the 19th century, in other words, the theory/chain of Lucio Costa seems to consider the principles from the “*Structural Rationalism*”, being that the objective of our research, however the main point will be comparing the reflection Eugène Emmanuel Viollet-le-Duc’s main ideas with Lucio Costa’s. This research approach the similarity in three stages: **Stage I: General similarities between Viollet-le-Duc’s work and Modern Brazilian Architecture edifications**, this debate points some practical/conceptual analogies between those architects, however those rules are not exclusive to the influence of Structural Rationalism, but aid to develop a general similarity. **Stage II: General similarities between Viollet-le-Duc’s work and Lucio Costa’s Theory**, Viollet-le-Duc’s ideas can be found altered on Lucio Costa’s theory, the most relevant part of the theory will be presented: the structural concept of “ideal-plastic, functional-organic”, being derived from the seventh interview on Viollet-le-Duc’s book. **Stage III: Similarities between Viollet-le-Duc’s work and Lucio Costa’s theory in the Structural Rationalism perspective**, in this stage, the analysis will have a Structural Rationalist approach, different from previous stages. “Anti-Classic Lucio Costa” shows that the architect was a Viollet-le-Duc’s reader, appropriating his theory on the Anti-Classic way, however there’s differences between them. On the Structural Rationalism point-of-view, there are other influences that must be acquainted, such as August Choisy, one of the others inspiration that Lucio Costa uses. Viollet-le-Duc might be the biggest source of inspiration, but he’s not the only one. Our work has just begun.

Keywords: Lucio Costa. Modern Brazilian Architecture. Structural Rationalism.

1. LUCIO COSTA ANTICLÁSSICO

Caro estudante, todo material que temos preservado esta ou no livro Registro ou no site Casa de Lucio Costa. Sobre a biblioteca particular dele não sabemos onde se encontra, porém, você deve entender uma coisa, ele era a pessoa mais clássica e anticlássica que pude conhecer, lia em casa e lia na biblioteca, lia em diversos locais... (Maria Elisa Costa via telefonema em 2014).

Antes de qualquer abordagem que permeia nosso estudo: *Lucio Costa anticlássico*, acho válido revelar ao leitor que esse texto é produto dos primeiros resultados da pesquisa de mestrado. Quero sem demora ilustrar o caminho qual vamos nos aventurar, propomos a indagação: Viollet-le-Duc foi de fato uma fonte do arquiteto? Lembramos que essa especulação não é devaneio do pesquisador, ela foi encontrada em *Registro de uma vivência* como um dos historiadores citados por Lucio Costa. Ora, se a resposta for positiva o título do trabalho esta mais do que justificado, e Maria Elisa Costa viria ao encontro dos dados expostos.

Mas o que pretendemos apresentar de tão desconhecido assim? Demonstraremos pistas, evidências, aproximações, que serão provenientes de estudos comparativos, com intento de contribuir para a compreensão dos pensamentos pouco registrados por Lucio Costa. Dito de outra forma, os documentos literários que temos não delimitam uma teoria acabada: há lacunas, omissões e até mesmo contradições que possibilitam um campo fértil para inúmeras investigações. Se por um lado esses hiatos podem nos embaraçar, por outro, eles nos concede em um estado atual, um entendimento muito mais lúcido dos processos históricos do que se essas características fossem desprezadas; esses atributos são justificados se lembrarmos do contexto cujas complicações foram postas. Estamos falando aqui, principalmente das omissões de Lucio Costa acerca de suas fontes. Lucio Costa não precisou esquecer seu passado recente – Neocolonial e Ecletismo – seu pensamento vai além, para compreendê-lo temos que olhar essa temporalidade e soma-la a um pretérito mais-que-perfeito, mas não basta soma-los, temos que ir além dessa matemática, pois Lucio Costa aliava esse jogo temporal ao presente e lançava uma visada ao futuro. Mais adiante trataremos melhor esse assunto, no entanto, chamo atenção aqui, ao fato de Lucio Costa ter se retratado com o que chamamos de passado próximo, por ele renegado, mas assim mesmo, ele não creditou de forma evidente suas fontes teóricas.

Creio que o leitor nesse momento estará se perguntando, por que faço questão de dedicar um parágrafo logo no início desse campo tão contraditório, e não uso essa adjetivação como pejorativa. Primeiramente para mostrar a existência de uma fertilidade que merece

incontáveis desdobramentos, depois quero lembra-los que esses *textos estão repletos de alusões*, e não é gratuito o destaque, pois é nele que reside nosso diálogo, atuaremos quase como detetives que compilam provas. Esse trabalho, digo de comparação das fontes, como estruturador de pesquisa, salvo engano ainda não foi feito no Brasil, a nossa esperança é entre outras, a de apresentar dados (fontes) e interpretações calcadas em um processo especulativo, acreditando que compreender a arquitetura do século XIX nos aproxima do entendimento da nossa complexa Arquitetura Moderna Brasileira.

A interlocução Viollet-le-Duc X Lucio Costa será embasada de um lado pela soma do *Entretiens sur l'architecture* com o verbete *construction* encontrado no *Dictionnaire raisonné de l'architecture versus* escritos de Lucio Costa acrescido de edificações do movimento em pauta. Justifico aqui a necessidade da abordagem prática, pois ela conformará um quadro de semelhanças introdutórias. Uma vez riscado nossos caminhos, convido então, você leitor, a me acompanhar nesses primeiros passos cujo fim certamente não estará nas últimas palavras desse artigo. Sem mais prolongamentos, iniciaremos.

Etapa I – Semelhanças gerais entre escritos de Viollet-le-Duc e edificações da Arquitetura Moderna Brasileira.

Apoiarei as evidências aqui não apenas em obras construídas de Lucio Costa, trataremos de outros arquitetos da mesma 'escola', e isso é válido uma vez que tanto a *poesis* quanto a *praxis* desse período caminharam aos passos de Lucio Costa.

Vamos começar com o *diálogo entre as artes* – arquitetura, escultura e pintura – a união entre elas não é uma exclusividade do Racionalismo Estrutural, o que por si só não basta para comprovarmos a filiação, contudo, ela ajuda a compor as primeiras afinidades.

Viollet-le-Duc encoraja o marchar harmonioso das três artes, pois unidas produziram grandes efeitos, e faz uma advertência. "... a arquitetura deveria antes de tudo respeitar ela mesma, e se fazer digna desse conjunto uma vez que lhe pareça necessário."¹ (grifo nosso).

Em "A crise da arte contemporânea" Lucio Costa vem ao encontro desse entendimento:

Na realidade, porém o importante para que a comunhão se estabeleça é que a *própria arquitetura seja concebida e executada com consciência plástica*, isto é, que o próprio arquiteto seja artista. Porque só assim a *obra plástica do pintor e do escultor* poderá integrar-se no conjunto da composição arquitetural como um dos *elementos construtivos, embora dotada de valor plástico intrínseco autônomo*. (Lucio Costa, 1959, 301, grifo nosso)

¹ Eugène Emmanuel Viollet-le-Duc, "Entretiens sur l'architecture" Paris: Pierre Mardaga, 1977.

Segundo Lucio Costa, o arquiteto teria então que fazer jus a tal comunhão, uma vez que “própria arquitetura seja concebida e executada com consciência plástica”. Mas uma coisa nos chama atenção: porque o arquiteto brasileiro propõe que “a obra plástica do pintor e do escultor” reunirá à arquitetura como “um dos elementos construtivos”? Essa recomendação parece ser análoga a nossa fonte. Mas devemos entender que, ao colocar pintura e escultura como um elemento de construção, Lucio Costa não as está desmerecendo, olhemos o desfecho do parágrafo “embora dotada de valor plástico intrínseco e autônomo”. Alguns leitores podem não ter ficado satisfeitos com a minha justificativa, à vista disso, vamos ao próximo parágrafo do texto original de Lucio Costa, “Seria pois *integração*, mais que *síntese*. A síntese subentende a ideia de *fusão*”, grifo do autor, e ainda adverte mais adiante “o muro” posto como um elemento de construção, mesmo bem concebido “não deixa de ser um acessório da arquitetura moderna”. A próxima sentença junta os dois princípios defendido no nosso parágrafo anterior: “seria evidentemente ilógico basear a síntese desejada em um elemento arquitetural supérfluo”. Apontaremos agora um trecho que faz parte das refutações dadas por Lucio Costa às críticas importunas de Max Bill

Ora, o revestimento de azulejos no pavimento térreo e o sentimento fluido adotado na composição dos grandes painéis têm a função muito clara de amortecer a densidade das paredes a fim de tirar-lhes, qualquer impressão de suporte, pois o bloco superior não se apoia nelas, mas nas colunas. (Lucio Costa, 1953, 257)

Parece que mais uma vez a arte aqui pode ver vista como elemento construtivo, e elas continuam boas amigas. O texto acima nos sugere um vínculo funcional do painel, funcional aqui no entendimento biológico do termo, por assim dizer, se retirarmos ou alterarmos qualquer uma dessas artes, tudo corre o risco de perder o significado, não produzindo o efeito que outrora geravam juntas.

Vamos para outra sentença, mas antes de apresenta-la vamos lembrar que Viollet-le-Duc articulava seus escritos partindo do caso grego, prolongando para a arquitetura romana, evoluindo cronologicamente até o caso gótico, sua grande predileção. Esse percurso é cadenciado principalmente pelas defesas racionais construtivas, que seriam importantes para germinar uma arte, mas não é apenas pelo fato de racionalizar os sistemas construtivos que teríamos como produto, um objeto estético, por isso ele laboriosamente diferencia construção da arquitetura. Ao longo dessa narrativa articulada, o escritor francês aponta aspectos satisfatórios e outros não tão sucedidos de cada povo histórico. O fato é que, se Lucio Costa leu esses escritos, como propomos, evidentemente que ele se declinará

aos resultados primorosos, aspectos esses, entre outros, que constituirão parte de uma miscelânea rica e diversa da Arquitetura Moderna Brasileira.

O *pitoresco* discutido por Viollet-leDuc é baseado principalmente sobre duas obras clássicas: uma é um templo grego hexastilo e a outra é uma cavalaria romana – ambas são ilustradas pelo escritor – se as críticas se voltam para os romanos nesse momento, os elogios vão para o primor grego que, ao implantar a edificação se apropriam de aspectos físicos do terreno: as orientações, a luz, o entorno imediato, o relevo; que uma vez tomado como princípio resultariam em uma satisfação produzida. Ora, aliar os aspectos do sítio com a intervenção arquitetônica parece que foi uma um entendimento aplicado em diversas obras da Arquitetura Moderna Brasileira², citaremos três delas:

- Nos aspectos tanto particulares da conformação de cada obra da Pampulha, quanto no diálogo entre elas, por isso merecidamente chamado de conjunto;
- No perímetro curvo da plataforma da casa das Canoas, que mesura um gene formal.
- o Pavilhão brasileiro da feira de Nova Iorque: O movimento curvo sugerido pela elevação oeste, bem como na acomodação do L com obra vizinha virtualizando um pátio;

Todos os três exemplos acima ilustram a incorporação do sítio como processo de apropriação e significação em prol de um efeito produzido, em outros termos: *pitoresco*.

Ao longo da nossa fonte há outro encorajamento: *Amor pela variedade*, em vários momentos ele aborda o assunto, sem embargo, concentra os esforços ao falar de *Notre-Dame de Paris*, esse amor vai desde o macro até os detalhes, mas essa pluralidade conserva uma perfeita unidade do todo. Vamos nos atentar aos contrafortes, defendido por Viollet-le-Duc, “o artista comprova um gosto e um sentimento profundo” mais adiante “se rompem em silhueta sobre o céu” criando uma “coroação”, promovendo a desejável transição. Se na fachada oriental, os arcos fazem uma espécie de contraponto, na porção ocidental serão os portais, a galeria dos reis, a rosácea, a galeria das gárgulas e por fim os campanários ou as torres que vão promover a diferenciação, que também criam uma aproximação com a escala humana. Ilustrado os contrapontos apresentados por Viollet-le-Duc, vamos agora identificar os contrapontos na Arquitetura Moderna Brasileira, nossa comparação dar-se-á com o projeto do aeroporto Santos Dumont, estamos falando do construído datado de 1944, na fachada das pistas de avião a consonância é promovida em extensão: pela torre de controle, pela omissão de três colunas do vestíbulo, bem como pelo ressaltado do terraço; na elevação oposta é o volume ressaltado que demarca o acesso ao

² Esses fundamentos foram encontrados como “caráter” em Julien Guadet por: Carlos Eduardo Comas, “A arquitetura de Lucio Costa: uma questão de interpretação”, São Paulo: Cosac & Naify 2004,18-31.

vestíbulo que cumpre o papel dos contrapontos³. Se os arcobotantes em *Notre-Dame de Paris* vão além dos limites da estática, no Aeroporto Carioca são os Pilotis que se ressignificam ao viabilizar um vestíbulo pela ausência na porção leste, bem como ao criar uma espécie de propileu invertido denunciado pelo volume projetado para fora, reafirmando o acesso principal na fachada oeste.

Se as semelhanças postas na primeira etapa não são exclusivas do Racionalismo Estrutural, uma vez que essas ‘regras’ podem ser identificadas ao longo da história da arquitetura, elas foram aqui pautadas com o propósito de apontar as derivações mais facilmente identificadas, que ajudam a compor um quadro geral de aproximações.

Etapa II – Semelhanças gerais entre escritos de Viollet-le-Duc e a teoria de Lucio Costa.

Antes de compararmos os escritos, vamos rememorar a teoria de Lucio Costa⁴, estamos falando da maneira como ele conta a história das formas em *Considerações sobre Arte Contemporânea*, o conceito norteador do texto é o “plástico-ideal” e o “orgânico-funcional”. Dito em outras palavras, para compreender a arte contemporânea – de seu tempo – Lucio Costa reconstrói a história das artes, de forma linear e evolutiva. Essa narrativa se baseia em duas frentes controversas, que se alternam e prosseguem, há momentos que uma se sobressai sobre a outra, em outros elas se equilibram, sendo que o fim da toada é nada mais do que o esperado: a arte moderna, que somaria essas duas correntes formais.

Como já foi dito na etapa anterior, Viollet-le-Duc apresenta seus fundamentos partindo do caso grego, passando pelo romano e a cadência prossegue até o caso último, o gótico. Há uma grande semelhança entre as visões dos teóricos, mas também uma considerável distinção. Vamos partir das diferenças: o ápice para Viollet-le-Duc reside na sua predileção, portanto no caso gótico; em contrapartida Lucio Costa faz um complexo jogo nas temporalidades. Vou me atrever a retirar um trecho de outro texto a fim de me fazer mais lógico: “Depois de uma coisa, vem *outra*; ser moderno é –conhecendo a fundo o passado– ser atual e prospectivo”⁵ (grifo do autor).

Temos nessa nova abordagem uma temporalidade que não foi pautada em “Considerações...”: o moderno em “Ps-1991” vai além da soma destas tensões opostas, um propulsor para o futuro. Ora, esse entendimento também reside no século XIX, mas a concepção teórica de Viollet-le-Duc que se declinava ao passado e por síntese o transformava em linguagem viva no presente. Para Lucio as raízes são fundamentais, é através da soma das cadências opostas que o moderno se formaria com um plus, que é um

³ Cláudio Pereira Calovi, “O pórtico clássico como terminal aéreo: os projetos dos irmãos Roberto para o aeroporto Santos Dumont”, Porto Alegre, Arqtextos-PROPAR, 2003, 122-135

⁴ Marcelo Puppi, “Por uma história não moderna da arquitetura brasileira: questões de historiografia”, Campinas, SP: Pontes: Associação dos amigos da História da Arte: CPHA:IFCH: Unicamp, 1998.

⁵ Lucio Costa, “PS – 1991”, São Paulo: Empresa das Artes, 1995, 116.

propulsor, não há analogias entre os teóricos nesse aspecto, mas isso não invalida que Lucio tenha bebido na fonte de Viollet-le-Duc. Que há distinção já buscamos apontar uma, partiremos para a semelhança, a saber, o teórico Francês especula algumas curiosidades da arquitetura asiática, egípcia e árabe, mas se concentra inicialmente nos gregos e romanos, o compasso ganha novos movimentos, retoma a partir da era carolíngia até os tempos modernos, tempos modernos para Viollet-le-Duc é o século XIX.

[sobre ruínas de monumentos do século VIII e IX na Itália e França] essas ruínas não mostram somente arte como apontam um compromisso entre as tradições romanas e suas influências vindas do Oriente. No século X ocorrem invasões normandas no ocidente que interrompe o progresso da civilização. Somente no século XI, sob influência das instituições monásticas, da *ordem Cluny* particularmente, que vemos uma arte que *encontra um caminho novo*. (Viollet-le-Duc, 1977, 258, grifo nosso)

A “odem Cluny” laços próximos com artes latinas, contudo com uma expressão singular “que encontra um caminho novo”, Viollet-le-Duc continuará seu caminho e apontará a abadia de *Saint-Denis* como uma revolução arquitetônica, pois concretizará um caminho totalmente singular, um novo sistema construtivo, o caso gótico. A abordagem do teórico francês aponta alguns casos dinâmicos e outros estáticos, mas há gradações entre esses opostos, uns servirão de base para o sistema determinista do escritor, arriscaria dizer que os Gregos seriam um caso mais estático e o Romano um estático com vontades latentes e no extremo oposto dos casos clássicos estaria o Gótico, reflexo bárbaro, por sinal mais anti-clássico, ele continuará a narrar até o século XIX.

Lucio Costa parece que reedita a estratégias das formas como pensamentos distintos, com nuances e ápices assim como o teórico francês, antes de explicar vejamos um trecho dos escritos do arquiteto carioca que ajuda a ilustrar sua concepção histórica.

Constata-se desde logo a existência de dois conceitos distintos e de aparência contraditória a orientá-lo [o arquiteto]: O conceito *orgânico-funcional* [...] *plástico-ideal* [...] No primeiro o caso a beleza *desabrocha*, como numa *flor*, e seu modelo mais significativo é a arquitetura dita ‘gótica’; ao passo que no segundo ela *se domina e contém*, como *num cristal* lapidado, e a arquitetura chamada ‘clássica’ ainda é, no caso, a mais credenciada. (Lucio Costa, 1954, 247, grifo nosso)

Antes da comparação propriamente dita, faremos um breve resumo da concepção histórica de Viollet-le-Duc, para ele os gregos e os romanos foram substanciais, pois criaram

sistemas construtivos que serão repetidos com alterações ao longo do curso da história, essas modificações cessarão segundo ele, quando a arquitetura dita gótica, trilhar caminho totalmente distinto dos anteriores. Arriscaremos uma comparação, o conceito “orgânico-Funcional” ou “flor” encontra seu ápice na arquitetura “dita ‘gótica’” e o oposto da corrente das formas, definido por Lucio como “plástico-ideal” ou “cristal” mais “credenciado” pela “arquitetura chamada clássica” no caso comparado os gregos e romanos como outro extremo.

Ora, a essência das concepções parecem ser a mesma, mas a abordagem muda segundo o interesse dos personagens. Se Viollet-le-Duc usa a estratégia para valorizar sua propensão; Lucio Costa reeditará de forma estratégica para justificar sua arquitetura complexa e contraditória, com uma codificação genética resultante de pressões opostas, por síntese e análise.

Etapas III: Semelhanças entre escritos de Viollet-le-Duc e a teoria de Lucio Costa do ponto de vista do Racionalismo Estrutural

Vamos abordar alguns escritos que não constam no “Registro...” nem no “Sobre arquitetura”, falo de alguns trechos da entrevista de Lucio Costa realizada pelo diário carioca *O País*, sobre o arranha-céu e uma possível compatibilidade com a cidade do Rio de Janeiro, não temos a entrevista na íntegra⁶, ainda, no entanto, os trechos verificados são suficientes para arriscar algumas observações que merecem mais desdobramentos.

Antes de continuarmos, deve-se fazer uma breve precisão. As refutações de Lucio Costa sobre o arranha-céu sugerem influências que vão além de Viollet-le-Duc, poderíamos dialogar, por exemplo, com Léonce Reynaud e August Choisy, mas, é importante lembrar, que *Lucio Costa anticlássico* não pretende tratar toda a teoria do arquiteto carioca, estamos apenas investigando um lado dessa abordagem, mais precisamente o campo anticlássico de Viollet-le-Duc. Feita a ressalva podemos voltar às especulações.

O arquiteto carioca para responder à primeira questão recorre à história, narra que existiram manifestações arquitetônicas primorosas, relicários, revividos em outros períodos, essa herança que se reanimava, passou segundo ele a ser um problema que limitava o processo criativo, esse problema só aumentava, concomitantemente, quase de uma forma contrastante “lenta e formidável a salvação surgia” e essa salvação residia na “ciência”... Devemos lembrar que ciência aqui se refere ao Racionalismo estrutural.

⁶ Trechos da entrevista foram apontados por Otávio Lenídio, “Carradas de razões: Lucio Costa e a arquitetura moderna brasileira (1924-51)”, Rio de Janeiro: Ed. PUC. Rio; São Paulo: Loyola, 2007,40-50. O autor aponta também algumas semelhanças entre Lucio Costa e Viollet-le-Duc e também com August Choisy.

A ciência – sim, *a ciência acordou a arte* – a ciência fez com que a *arte que virara enfeite caísse em si*, despertasse do sono absurdo e retratasse a sua vida morta com a vida viva do passado. A ciência, com sua razão e sua lógica, bom senso, essa *coisa simples que sempre foi ponto de partida de toda verdadeira arquitetura, essa coisa simples que estava esquecida, a ciência de novo nos deu*. (Lucio Costa, apud. Otávio Leonídio, 2007, 42, grifo nosso)

A nossa fonte francesa em seus escritos “*construction*”, para explicar e exemplificar sua teoria buscara nos feitos humanos, obras, em que a razão se expressa como um sentimento natural. Se há momentos em que ela é mais evidente, em outros pouco se satisfaz, mas sempre ela estará presente, se realmente merecer o nome de arquitetura, ou seja, a construção seria um meio, e a arquitetura o fim. Lucio Costa ao escrever “a ciência acordou a arte” parece estar de acordo com nossa fonte, “a arte que virara enfeite caísse em si”, como já abordamos no tópico anterior o arquiteto brasileiro aliou a arte a um processo “racional”, por isso, aqui, condena seu passado próximo, que fez de uma grande expressão “arte”, uma regressão, um “enfeite”. Lucio continua a discussão, e expõe “[ciência] coisa simples que sempre foi ponto de partida de toda verdadeira arquitetura”, não há dúvidas de quase uma paráfrase em relação ao Viollet-le-Duc, e isso se reafirma quando o teórico brasileiro coloca a ciência como algo que foi “esquecida”, mais uma vez desmerecendo o Ecletismo e o Neocolonial para justificar o moderno “a ciência de novo nos deu” como se ela despertasse a arte.

E é graças a ela [ciência] que o arranha-céu poderá ser uma nova expressão de arquitetura, voltando à verdade , *a essa sempre nova fonte de beleza, à forma que se adapta ao órgão, que obedece à função*, à beleza do Karnak, do Parthenon, de Reims, *à beleza do corpo humano, à beleza estrutura*. (Ibidem)

Ora, essa verdade geradora de beleza, reside em um termo que pegou conceitos emprestados da biologia: “forma que adapta ao órgão, que obedece à função”, função aqui não é meramente utilitária, esta além, é algo vivo. Mais adiante Lucio alega “o estilo não é fantasia” que se invente ou copie “surge naturalmente como *função do sistema de construção*” esse grifo é nosso, em “à beleza do corpo humano”, ele reafirma a derivação do termo. Dessa forma Lucio Costa propõe uma nova necessidade, a necessidade orgânica, que nada pode ser retirado ou alterado, e se eventualmente isso ocorresse, todo o sistema irrefutavelmente deveria ser modificado, posto que seja ele quem mensura o conjunto, e evidência “à beleza da estrutura”. Dito de outra maneira, função e estrutura aqui é uma

redimensão que rege um caso estético. Olhemos agora um trecho dos “*Entretiens...*”: “os membros da arquitetura são consequências de uma necessidade da estrutura, como no reino vegetal e animal”, as pistas parecem confirmar nossa especulação, e elas não acabam por aqui, voltaremos para os escritos do arquiteto brasileiro acerca do arranha-céu:

como em todas as grandes eras da arte é preciso que a composição de arquitetura de novo e cada vez mais se identifique à construção. É preciso que o aspecto exterior acuse o esqueleto construtivo, com ele se case a ponto de formar um todo homogêneo de maneira que dissociá-los seria mata-los (Ibidem)

Associação da arquitetura com o processo construtivo defendido por Lucio Costa parece ser amiga do conceito “submeter formas à razão”, não é novidade alguma que a fonte reside no racionalismo. O teórico carioca aperta seus laços, ao alegar que: “É preciso que o aspecto exterior acuse o esqueleto construtivo” e não apenas aponte como perfaz uma “forma um todo homogêneo”, indissociável, se separa-los, “seria mata-lo”. Essas noções formais comprovam mais uma vez a filiação de Lucio Costa para com Viollet-le-Duc, nesse último trecho resolvemos não grifar, pois se fizéssemos, não haveria palavras sem destaques! Apontaremos mais uma pista, agora com uma passagem dos *Entretiens*:

Não se pode estabelecer regras para a criação das formas, pois a qualidade essencial da arquitetura é adaptar-se às necessidades da estrutura: Dê-me um sistema estrutural, e eu encontrarei naturalmente as formas que resultam da construção. Mas se a estrutura muda eu sou obrigado a mudar as formas, não no seu espírito, pois seu princípio é precisamente expressar a estrutura, mas na sua aparência, posto que a estrutura mudou. (Viollet-le-Duc, 1977, 285)

Lucio defende “que o aspecto exterior acuse o esqueleto construtivo”, a fonte francesa estabelece “pois seu princípio é precisamente expressar a estrutura”; se o teórico carioca propõe “formar um todo homogêneo de maneira que dissociá-los seria mata-los”, Viollet-le-Duc inaugura “Mas se a estrutura muda eu sou obrigado a mudar as formas [...] posto que a estrutura mudou”. Parece que para ambos teóricos a estrutura recebe pressões para além da estática, ela é uma verdadeira fonte de unidade.

Conclusão

Esse trabalho tenta apontar por meio de evidências um Lucio Costa leitor de Viollet-le-Duc. Se por um lado o arquiteto toma emprestada a abordagem do caso francês no seu aspecto

mais anticlássico, por outro devemos lembrar que essas características ajudam a conformar apenas uma parte da composição teórica da Arquitetura Moderna Brasileira, o fato é que a concepção de Lucio Costa é fruto de um pensamento abrangente, uma compilação nada arbitrária. Quero dizer com isso que há mais créditos, mais filiações, tanto de Lucio Costa para com Viollet-le-Duc, quanto para com outros teóricos, como por exemplo, August Choisy, Julien Guadet, Léonce Reynaud. Mas nessa interlocução uma interpelação anticlássico, ou seja, um Lucio Costa do lado anticlássico. Mais conclusivamente, que Eugène Emmanuel Viollet-le-Duc é uma grande filiação do pensamento de Lucio Costa, nos parece inegável, mas ele não é a única, por isso, essa investigação dita de fontes almeja ampliar, para melhor compreender a aproximação do pensamento Lucio Costa com o Racionalismo Estrutural.

BIBLIOGRAFIA

Calovi, Cláudio Pereira. *O pórtico clássico como terminal aéreo: os projetos dos irmãos Roberto para o aeroporto Santos Dumont*. 122-135. Porto Alegre, Arqitexto-PROPAR, 2003.

Comas, Carlos Eduardo. "A arquitetura de Lucio Costa: uma questão de interpretação." In: Nobre, Ana Luiza (Org.)... [et al.]. *Lucio Costa um modo de ser moderno*, org. Ana Luiza (et al.), 18-31. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

Costa, Lucio. "PS – 1991". In: *Lucio Costa: registro de uma vivência*. 116. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.

Leonídio, Otávio. *Carradas de razões: Lucio Costa e a arquitetura moderna brasileira (1924-51)*. Rio de Janeiro: Ed. PUC. Rio; São Paulo: Loyola, 2007.

Puppi, Marcelo. *Por uma história não moderna da Arquitetura Brasileira*. Campinas, SP: Pontes: Associação dos amigos da História da Arte: CPHA:IFCH: Unicamp, 1998.

Viollet-le-Duc, Eugène Emmanuel. *Entretiens sur l'architecture*. Paris: Pierre Mardaga, 1977.

FONTES

COSTA, Lucio. *Lucio Costa: registro de uma vivência*. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.

_____. *Lúcio Costa: sobre arquitetura*. Porto Alegre, Centro dos Estudantes Universitários de Arquitetura, 1962.

Viollet-le-Duc, Eugène Emmanuel. *Dictionnaire Raisonné de L'Architecture Française du XI^e au XV^e siècle*. En 10 tomes, Paris: Ernest Gründ (sd, vers 1854-1868)

_____. *Entretiens sur l'architecture*. Paris: Pierre Mardaga, 1977.

